

**NACIONALISMO EN GARDE:
A POSTURA CRÍTICA DE ARARIPE JR.**

Sarah Diva da Silva Ipiranga (UECE)
sarah.diva@uece.br

RESUMO

As questões do nacional marcaram a história da literatura brasileira no século XIX. A crítica literária teve papel de destaque neste contexto, sobretudo com a chamada Geração de 1870, cujos integrantes (Sílvio Romero, José Veríssimo e Tristão de Alencar Araripe Jr.) estiveram à frente das discussões, com o nacionalismo sendo a "pedra preciosa" dos debates. Destaca-se, pela singularidade, a produção crítica de Tristão de Alencar Araripe Jr. O crítico cearense imprimiu à discussão critérios climáticos e cunhou conceitos essenciais hoje à brasilidade, como o "estilo tropical". Este artigo busca investigar a linha teórica desenvolvida por Tristão de Alencar Araripe Jr. e analisar a sua contribuição para os estudos comparados e a superação das noções de fonte e influência, tão em voga no século XIX.

Palavras-chave: Nacionalismo. Crítica literária. História da literatura.

“Incorreção do estilo brasileiro ligada à textura do espírito da terra”. Essa afirmativa, que nos lembra o ímpeto da desconstrução do modernismo brasileiro, tem, no entanto, origens mais remotas: é do crítico cearense Tristão de Alencar Araripe Jr., nascido no século XIX (Fortaleza – 1848/ Rio de Janeiro – 1911). Filiado dentro da crítica literária à chamada Geração de 1870, da qual faziam parte Sílvio Romero e José Veríssimo, ele propugnou uma série de ideias que em muito anteciparam as postulações da Semana de Arte Moderna acer-

ca da formação de caráter nacional. Seus conceitos sobre nação e literatura puseram em destaque a noção de entre-lugar como essencial a qualquer reflexão que se quisesse fazer sobre a identidade do País.

A ligação da crítica literária com a formação do pensamento nacional é uma constante dentro da nossa realidade. Num período como o do século XIX, em que a questão das identidades nacionais acionava o pêndulo das discussões, contava-se com uma base teórica legitimadora desse tipo de reflexão, pois a insurgência dos estudos sociológicos estimulava uma visão comprometida politicamente com os fatos sociais e culturais. As leituras apaixonadas de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha¹⁶, dão bem a medida do envolvimento dos críticos com outros fatores para a avaliação dos textos que não somente os estéticos. O caso Machado de Assis, no sentido inverso, é outro exemplo de como a avaliação de uma obra pode estar sujeita às intempéries teóricas de uma época¹⁷.

Neste contexto marcado pelo diapasão apaixonante da nacionalidade, percebe-se que a crítica brasileira se afasta de seu lugar tradicional de avaliação e delimita modelos de produção que poderiam fazer frente à colonização cultural de que

¹⁶ Tristão de Alencar Araripe Jr. produz um texto acalorado sobre a obra de Euclides da Cunha e reporta a ele a qualidade máxima de "nacional por excelência": "Terminada, porém, a primeira parte [de *Os Sertões*], e lidas as páginas iniciais da segunda, uma revolução havia se operado em minha alma. O autor a conquistara de modo violento e irretirável. Daí por diante, não li mais, desfilei pelo livro afora..." (ARARIPE JR., 1978, p. 219). Silvio Romero tem posição da mesma ordem e consagra a obra euclidiana como a representante autêntica da literatura brasileira, pois sua visão de literatura estava alinhada com uma proposta de comprometimento social. (ROMERO, 1980)

¹⁷ . É importante frisar que Tristão de Alencar Araripe Jr. e Silvio Romero não conseguiram apreciar a obra machadiana na sua proposta diferenciada dentro do realismo brasileiro. Ambos distorcem o estilo do autor, obnubilados pela própria teoria que defendem. Cabe a José Veríssimo uma leitura mais madura do Bruxo do Cosme Velho.

éramos vítimas, questão crucial para a afirmação literária dos trópicos. O que mais chama atenção nos modelos propostos é a descentralização dos critérios de valor e o enfrentamento socioeconômico que tal postura representa. No século XIX, a Literatura Comparada, que tinha na França seus grandes expoentes, sustentava seus pressupostos nos conceitos de fonte e influência. Com essa mediação, buscava-se saber quem influenciava quem e em que medida se podia verificar a incidência dessa influência. Por trás dessa atitude aparentemente estética, havia uma relação bem mais subliminar: quem deve a quem. O sentido da dívida, do saldo devedor, do empréstimo, do pagamento impregnava as teorias literárias da época e, portanto, estabelecia relações de poder que transitavam do econômico para o cultural, do político para o artístico, do comercial para as mentalidades, acionando uma rede que colocava os países da América, antigas colônias, numa posição a menos no cânone literário. Se viemos depois, estamos devendo indefinidamente. Como pagar? Ora, lembrando sempre que somos devedores e exaltando o Pai, a Fonte, deixando claro que sem eles nossa tradição, ainda insipiente, não existiria. Um eterno conflito entre pai e filho, quase edípico, sem resolução, a não ser que matemos o Pai (ou a Mãe, o que é ainda pior).

Tais questões envolviam escritores e críticos de forma apaixonada. Entre o sentimento da dívida e, portanto, de gratidão que devíamos ter com nossos fundadores e a revolta pela imposição de modelos culturais, equilibrava-se a grande barca brasileira, "gigante por natureza". O que talvez mais incomodasse era sermos avaliados a partir dos critérios da Grande Mãe Europa. É nesse aspecto que entra a intervenção de Tristão de Alencar Araripe Jr. e a grande contribuição que dá aos estudos culturais e à literatura comparada pelo embate aos conceitos de fonte e influência.

Com uma formação sólida e de trato refinado com os colegas (ao contrário do sempre inquieto Sílvio Romero sobre

quem escreve um artigo clássico – “Sílvio Romero polemista”), Tristão de Alencar Araripe Jr. erigiu uma obra particular no Brasil e que ainda é desconhecida de boa parte da intelectualidade¹⁸. Mais propenso aos ensaios do que à historiografia, ao estudo investigativo do que aos panorâmicos, bateu-se em vários artigos publicados em jornais e revistas de circulação na época pela autenticidade de nossa produção literária e pela necessidade de criação de novos critérios de valoração estética.

Sabendo que na perspectiva europeia que vigorava sempre estaríamos em desvantagem e que brigar também não nos tiraria da menos valia, o crítico cearense, muito antes da Semana de Arte Moderna, propõe um outro lugar para o nacional. Uma *transformação metodológica e teórica*, já que se apropriou dos conceitos europeus próprios à crítica e à teoria literárias e os redimensionou à realidade brasileira, enfatizando sua autenticidade. Nesse contexto, ele opera duas desterritorializações: enfatiza o nosso estilo e as incorreções e cobra ao estrangeiro uma transformação ao pisar o solo nacional. Assim, entre o literário e o antropológico, modula uma crítica literária que também se quer nacional, autêntica.

Ao afirmar em 1888 que “O tropical não pode ser correto”, Tristão de Alencar Araripe Jr. (1978, p. 126) opta por encarar o nosso “a menos” como “a mais”. Isto é, “fazer do desvio o caminho”. Aceitar os desvios estilísticos de nossos escritores e dar a eles um sentido autônomo, de corte em rela-

¹⁸ Sua obra completa foi organizada por Afrânio Coutinho em cinco volumes, publicados entre 1958 e 1966 (*Obra crítica de Araripe Júnior*), que hoje se encontra esgotada. Uma coletânea menor, capitaneada por Alfredo Bosi, apresenta os textos mais importantes do autor (1978). É importante mencionar que, a despeito do desconhecimento da sua obra e da falta de edições, um artigo seu, “Estilo tropical”, foi incluído pelo Professor Roberto Acízelo de Souza no livro *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários – 1688-1922* (2011), onde figura ao lado de autores como Baudelaire, Kant, Schlegel, entre outros. Para ter acesso às edições antigas de alguns livros de Tristão de Alencar Araripe Jr., incluindo os ficcionais, pode-se entrar no site da Biblioteca Brasileira de Guita e José Mindlin.

ção à pátria-mãe, foi a luta de vida toda do crítico. Neste texto clássico, ele analisa a produção naturalista brasileira que, segundo ele, se constituiria com elementos próprios. A atitude, portanto, rompe com a ideia de dívida e libera a literatura nacional de qualquer forma de comparação em que ela não seja o modelo de si mesma.

Incorreção do estilo brasileiro ligada à contextura da *terra*! A asserção parece, à primeira vista, um dislate da ordem dos que a crítica vem vulgarizando por aí. Contudo, eu penso que o fato é perfeitamente verdadeiro, e que a incorreção, nestas condições, converte-se numa eminente qualidade. (ARARIPE JR., 1978, p. 124)

Em ensaio anterior, de 1869, “Carta sobre a literatura brasílica”, ele já aponta a superação do par influência-fonte como a única possibilidade de identidade:

Com efeito, não será desprezando o que mais de belo e inspirador que existe em nossos climas que havemos de sacudir com o jugo das impressões importadas do velho continente. Trilhando vereda tão diversa daquela que deveríamos seguir, nunca chegaremos a proclamar a nossa emancipação. (ARARIPE JR., 1978, p. 9)

Assumir o caráter desviante das nossas letras, do povo e do país antes da ideia da carnavalização, que só passará a se constituir futuramente, é o *modus operandi*, o passo metodológico da teoria de Tristão de Alencar Araripe Jr. para refletir sobre as formas do nacional. Aí está: ele só aceita pensar o Brasil a partir do Brasil. Método, objeto e pensamento precisaram fundir-se para gerar uma reflexão.

Assim, se só pode pensar o país a partir dele mesmo, de quais elementos se deve valer para construir uma identidade? A opção de Tristão de Alencar Araripe Jr. é a *natureza*, não só pela ênfase romântica, mas por ser ela o que o Brasil tinha de mais autêntico, produtivo e capaz de alterar a relação de dominação estabelecida pela Europa. Contra a cultura e a civilização – a selva.

O deslocamento operado parece hoje pequeno aos nossos olhos, mas foi de uma coragem intelectual suprema. Para ele, a civilização tem a função racional de “pôr peias à expressão nativa e regular o ritmo da palavra pelo diapasão estreito da retórica civilizatória” (ARARIPE JR., 1978, p. 176). Segundo Tristão de Alencar Araripe Jr., a tradição, conceito caro às formações literárias do século XIX, tinha no Brasil uma vertente menos racional, ou seja, com menor investimento de poder, uma “tradição de instinto” (ARARIPE JR., 1978, p. 130). Nessa oposição, aparentemente ingênua, está depositado um revés operatório e político singular. O Brasil, aluno de primeira ordem (lembramos dos cadernos de poesia de Oswald de Andrade), precisava passar por um processo de aprendizagem que deslegitimasse o professor original. Uma formação feita por si e tendo como referência elementos autóctones, ou seja, uma sublevação.

A civilização já contém em si o peso da dominância, do valor, da propriedade. A natureza, na visão de boa parte dos evolucionistas da época, é o aquém da cultura, o espaço propício da barbárie, da selvageria, com o qual estávamos continuamente confundidos. Valorizar positivamente estes elementos é o empreendimento teórico do crítico. A civilização é apresentada como decadente, fria e incolor. Falando sobre Zola e o naturalismo, assim se posiciona:

Zola, neste clima, diante desta natureza, teria de quebrar muitos de seus aparelhos para adaptar-se ao *sentimento do real*, aqui. O fato é intuitivo, e eu direi porque (sic). A concepção do mestre, os seus métodos de expectação, os seus processos experimentalistas, tiveram em vista uma sociedade decadente, de natural tristonha, que decresce, míngua dentro das próprias riquezas, perante sua antiguidade, cansada, exausta, senão condenada a perecer. (ARARIPE JR., 1978, p. 126-127 – Grifo nosso)

A felicidade, então, operador conceitual desconhecido pela ciência, passa, em contraposição à tristeza europeia, a ser ativada pelo meio natural, constituindo-se como um ideário e

uma imagem. A ela funde-se um vocabulário indexado do ambiente nativo, perfazendo um estilo igualmente imagético e sensorial. Ou seja, a natureza é objeto e apresentação, forma e voz, imagem e palavra, e aciona um discurso já tomado pelo "sentimento do real":

embriaguez de luz, de azul, de crepúsculos rubros, de felicidade tropical, que é, na frase engenhosa de Capistrano de Abreu, a dos lagartos verdes, dos camaleões, nos dias claros, de sol límpido, subsequentes às grandes trovoadas. (ARARIPE JR., 1978, p. 127)

O Brasil então seria esse lagarto verde, ou melhor, o camaleão, o que já atesta a sua "informidade" e inconformidade, sua transformação constante, o que o faz diferente e não possível e passível de comparação com a estaticidade dos climas frios.

Essa opção pelo clima é responsável, entretanto, até hoje por várias farpas que são atiradas contra o discurso crítico de Araripe. Ele é visto como influenciado ou pior, determinado, por Taine e por outras teorias da época, como o darwinismo. Em vários textos, defende-se de tais acusações e observa que soube filtrar as influências e delas ficar independente. Além disso, as teorias dominantes na Europa acerca da natureza dos trópicos apontavam para a representação do lugar como palco de endemias e devassidão. Na crítica de Araripe, os lugares de poder que habitam essa concepção são invertidos, assumindo a natureza e o clima uma outra função. Ele, na verdade, referenda o nosso habitat como a "moeda de troca" do comércio artístico: "O realismo, aclimatando-se aqui, como se aclimou o europeu, tem de pagar o seu tributo às endemias dos países quentes...". (ARARIPE JR., 1978, p. 127)

Assim, Tristão de Alencar Araripe Jr. cria o chamado *Estilo Tropical* (no que também se antecipa ao tropicalismo da década de 70 do século XX). Primeiramente, a afirmação geográfica, sim, nós moramos nos trópicos, para depois a compo-

sição dos elementos constitutivos: o sol, a luz, as frutas, as plantas, os homens. É com esse tipo de comparação que Tristão de Alencar Araripe Jr. invade a crítica literária e tenta avaliar a produção dos escritores nacionais.

No entanto, antes de chegar a nós, ele caça os estrangeiros. O que quer dizer isso? Se no pensamento oswaldiano, antropofagia é o revide contra a moral cristã, a catequese portuguesa, o moralismo francês, o racionalismo europeu, a força do dinheiro e, ao mesmo tempo, o delírio com o progresso, a máquina, uma fascinação pela mistura, pelo desequilíbrio dos opostos, ela tem em Tristão de Alencar Araripe Jr. uma origem menos orgiástica.

O conceito que elabora para capturar o estrangeiro é o da *obnubilação tropical*. A partir dessa ideia, ele vai nos falar de um estrangeiro absorvido e transformado pela natureza. Não importa para ele absorvermos os valores europeus e transformá-los antropofagicamente. O engolido é o europeu em terras nacionais. Através da teoria da obnubilação, ele diz do colono que quando chega aqui se torna brasileiro. Mesmo levando em conta o que isso tem de romântico e fantasioso, o que está implícita é a imposição dos ditames do meio e não da civilização. Não é ir a Europa, mas a Europa que vem a nós e é obrigada a se transformar. Poderíamos ver aí a tese climática com todo o seu vigor e sua visão preconceituosa dos trópicos. Mas não é bem assim que se configura:

[...] a reação do meio físico, a influência catalítica da terra, as depressões do clima tropical, a solidariedade imposta pelas condições da vida crioula com a flora, com a fauna, com a meteorologia da região, são tantas outras influências que estão a invadir estrangeiros e brasileiros, sem que estes disso se apercebam, certos, como estão, do triunfo das suas qualidades étnicas e da propulsão civilizadora de origem. (ARARIPE JR, 1978, p. 124)

Ou seja, a influência agora é gerada por nós e de forma às vezes não perceptível, pois o conquistador sempre chega certo da vitória. Essa outra vitória, pela *contaminação*, termo

contemporâneo da literatura comparada usado para entender de forma mais interna e sob outro prisma as relações entre os textos, mostra uma dominação atípica, tropical, que seduz e obnubila mais do que agride.

Para ele, o estrangeiro não vai ser comido pelos índios, mas tem que pagar para entrar aqui. Ao refletir sobre a chegada do estilo naturalista ao Brasil, afirma: “O naturalismo, ou se subordina a esse estado de coisa, ou se torna uma planta exótica – de mera curiosidade” (ARARIPE JR., 1978, p. 127). Na visão mais tradicional, exóticos somos nós; para Araripe, exótico é o estrangeiro que chega sem aclimatar. Assim, temos “o americano embriagado pelo real”.

Com essa transformação teórica e metodológica, Tristão de Alencar Araripe Jr. recruta os conceitos de fonte, influência e estilo, expõe-nos ao sol dos trópicos para que adquiram cor e sabor nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARIPE JR, Tristão de Alencar. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, vol. 5. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA, Roberto Acízelo de (Org.). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó: Argos, 2011.

VERÍSSIMO, José. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.